

ESPECIAL

A swingueira do movimento, da dança, das histórias e do comprometimento

Por Felipe Gomes, Igor de Melo

24.JAN2018

É a veia que salta, o cumprimento que faz arder a palma da mão, o olho esbugalhado e o grito que anuncia: tá na hora! E sim, é um grande show feito por quem desde cedo aprendeu a fazer muito com muito pouco. Na periferia de Fortaleza, domingo é dia de cintura de mola. É dia de swingueira.

Compartilhe :

A swingueira é movimento

Com quem conversei sobre ela, poucos conheciam. Quem já tinha ouvido falar imaginava um “proibidão”, ou algo do tipo. O nome pode induzir ao erro, é verdade. Mas nesses campeonatos e ensaios não é permitida a entrada de uma gota de álcool sequer. A justificativa é a idade escolar da maioria dos jovens que fazem e integram esse movimento urbano. Não fosse essa cultura, poderiam estar expostos ao crime e às drogas. A swingueira é inclusão.

Alex Folia ainda estava no colégio quando começou a se tornar um produtor de cultura periférica – para ele, a cultura de verdade.

Organizador de boa parte dos festivais de swingueira da cidade, começou seguindo os exemplos do movimento junino. Até hoje, ele explica, ainda existe uma proximidade.

Compartilhe :

dadas pelos próprios integrantes, exatamente como era nas quadrilhas do São João.”

Assim como Alex, **Paulinho Massa também organiza os eventos deste movimento que para ele é, sim, uma política social da maior importância. “A swingueira é feita por jovens e para os jovens. Pessoas de uma classe social menos abastada e para as quais esse momento de entretenimento faz toda diferença. Se eles não estivessem aqui, estariam nas ruas expostos ao crime, à violência e tudo mais.”**

Compartilhe :

A swingueira é dança

Natan Batista é um desses meninos que não quis se tornar uma estatística. Coloca toda sua energia na linha de frente do grupo Tome Swing, um dos maiores campeões dos festivais organizados por aqui. Ele e os amigos organizam a coreografia, “chegam junto” e chamam pra si a responsabilidade, sincronizando, passo a passo, letra, música

e batida. Têm o requebrado da Bahia, a atitude do hip-hop americano e o compromisso de contar uma história durante o espetáculo, como

~~nas escolas de samba de Sudeste. Não fazem mistura de não seria~~

Compartilhe :

Recém-chegados à vida adulta, esses meninos defendem um legado que reside e resiste na periferia de Fortaleza há aproximadamente 20 anos, boa parte destes bem longe dos holofotes da mídia e do apoio do poder público.

A dança surgiu como consequência dos grupos de axé. Os dançarinos, nessa fase, apenas acompanhavam os cantores e músicos nos shows e funcionavam mais como animadores. Foi um pouco depois deste início que Renner Pietro, hoje coordenador do grupo Tome Swing, começou sua trajetória. Ele fez parte dos primeiros grupos que atuavam dissociados dos cantores, mas o cenário ainda era bem diferente do que é hoje.